

## A IMAGEM – PHANTASMATA – EM TOMÁS DE AQUINO<sup>1</sup>

### *Image – phantasmata – in Thomas Aquinas*

*Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento<sup>2</sup>*

\* \* \*

Quando se toma conhecimento do esquema geral do conhecimento humano de acordo com Tomás de Aquino ele nos parece simples e até mesmo simplório. Há em primeiro lugar a ação das coisas sobre os sentidos externos. Esta ação produz neles uma determinação (*species*) que faz surgir as sensações dos sentidos externos; o primeiro sentido interno, o sentido comum reúne tais sensações e isso é conservado pela imaginação, o segundo sentido interno. O Terceiro sentido interno, a estimativa nos animais ou cogitativa nos humanos recebe determinações não sensíveis exemplificadas pela percepção, mencionada por Avicena, de medo por parte da ovelha diante do lobo. Tais determinações são conservadas pela memória. Do trabalho conjunto do sentido comum, da imaginação, da cogitativa e da memória resultam os fantasmas, rapidamente identificados com as imagens. Estas constituem o material que será iluminado pelo intelecto agente, produzindo as determinações inteligíveis (*species intelligibiles*) que, recebidas pelo intelecto possível o fazem passar ao ato produzindo os conceitos. Esses serão compostos ou separados formando proposições que expressam o julgamento intelectual.

É bastante frequente considerar que tudo isso é uma boa apresentação do conhecimento humano de acordo com Tomás de Aquino e passa-se por alto o verdadeiro pantanal de problemas delicados que ela encerra, a começar pela recepção pelos sentidos

---

<sup>1</sup> Conferência apresentada oralmente no 1º Encontro Sonhos e Imagens na Filosofia (2019, PUC-SP) e transcrita por mim mesmo para este formato.

<sup>2</sup> Professor titular aposentado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia medieval (Abelardo, Tomás de Aquino e João Duns Scot).

externos da ação das coisas materiais sobre eles. Trata-se de uma ação e recepção que se distingue da ação e recepção física e que Tomás chama de “espiritual” ou “intencional”.

Não vamos enumerar os problemas seguintes, nem pretendemos expor como são abordados pelos estudiosos. Nos restringimos a alguns aspectos dos mencionados “fantasmas”.

Em primeiro lugar, Tomás só fala de “fantasma” a propósito dos três últimos sentidos internos (imaginação, cogitativa e memória<sup>3</sup>. Em seguida, Tomás não usa “imagem” (*imago*) nesse contexto (LISSKA, 2016, p. 289-290). Além disso, um fantasma não precisa ser uma imagem para ser fantasma. Ele pode ser quando é objeto direto da imaginação. É o caso do também conhecido exemplo da “montanha de ouro” constituída pela imaginação a partir das imagens de montanha e de ouro (Lisska, p. 292).

O fantasma é uma “semelhança” (*similitudo*) da coisa. Mas “semelhança” não quer dizer uma espécie de fotografia da coisa. O termo deve ser entendido em seu sentido preciso: semelhança é a participação na mesma forma (cf. *Sobre a verdade*, q. 8, a. 8; *Suma de teologia*, I<sup>a</sup>, q. 4, a. 3). Conforme o tipo de posse comum de uma forma (no sentido aristotélico) haverá diferentes tipos de semelhança. Não haveria sentido em pensar que a determinação do quente no tato seja um retratinho do quente; o que há é a presença física do calor na coisa, sua presença física no órgão do tato e a presença intencional no tato. Lisska (2016, p. 293-296) fala de três categorias de semelhança. No exemplo citado a determinação do tato pelo quente (a espécie do quente) é uma semelhança do quente. O fantasma é também, como dissemos, uma semelhança da coisa individual. Trata-se em primeiro lugar do que resta na imaginação, do que é retido pelo sentido comum. É o que Lisska chama de semelhança 2. Finalmente o conceito ou verbo mental é uma semelhança da coisa, a semelhança tês de Lisska.

É preciso, porém, prestar atenção em que a determinação do sentido externo, a reunião no sentido comum do que é captado por essas determinações através dos sentidos externos e sua conservação na imaginação, bem como a captação de aspectos não sensíveis pela cogitativa, sobretudo a percepção de que o que está reunido no sentido comum constitui um indivíduo de certo tipo (*hoc aliquid*) pela cogitativa e sua conservação na memória – tudo isso não é objeto de percepção, mas canal de percepção;

---

<sup>3</sup> Nesta exposição mais do que nos baseamos no livro de Lisska, 2016.

não é o que é percebido (*quod percipitur*), mas o pelo que (*quo percipitur*) a coisa é percebida.

Os fantasmas contidos na memória vão ser o material que o intelecto agente ilumina e deles abstrai as determinações inteligíveis que, recebidas no intelecto possível o fazem passar ao ato e produzir o conceito ou verbo mental pelo qual ele concebe a própria coisa no mundo exterior. Assim, todos os elementos mencionados e pelos quais (*quo*) o intelecto conhece a coisa (*quod*) são intencionais. Embora estejam presentes nos sentidos e no intelecto, remetem à coisa no mundo exterior, pelo seu conteúdo.

Mencionemos ainda dois aspectos gerais. O primeiro diz respeito à dificuldade em se falar do conhecimento, mesmo humano e mesmo sensorial, pois de acordo com Tomás de Aquino, ele não é de caráter material. Ora, nossa linguagem deriva da experiência do mundo material. Desse modo só podemos falar do não material por analogia ou mesmo por metáfora. No que precede é fácil perceber inúmeros termos que são usados por transposição do domínio da matéria. Mas Tomás considera que “luz inteligível” não é metáfora, mas analogia propriamente.

O outro aspecto que mereceria ser lembrado é que a maneira como Tomás de Aquino aborda o conhecimento humano inverte a perspectiva em que ele era abordado no mundo cristão, onde era dominante a chamada teoria da iluminação divina derivada de Santo Agostinho e que situava o conhecimento humano em relação a sua fonte, Deus, do qual deriva a possibilidade de conhecimento certo.

Algo de semelhante se encontrava também nas teorias sobre o intelecto separado (o agente em Avicena e tanto o agente como o possível em Averróis). Afinal o que caracteriza o conhecimento como propriamente humano, seu aspecto intelectual, viria de fora e de cima.

Tomás, ao contrário de Avicena, postula um “*conversio*”, não para o intelecto agente, mas simplesmente para os fantasmas. Um último suspiro (que deveria ter vindo no início): a palavra “*phantasma*”, no plural “*phantasmata*” deriva de *phos* (luz) em grego.

## REFERÊNCIA

LISSKA, A. J. **Aquinas Theory of Perception**. Oxford: Oxford University Press, 2016.